

O fim da era ideológica

Gilberto de Mello Kujawski

Vale a pena continuar um pouco mais o debate sobre a crise das ideologias, colocado com brilho e conhecimento de causa pelo jornalista William Waack, num dos últimos *Cadernos de Sábado* deste JT (25-5-88), a fim de precisar e matizar melhor alguns pontos de vista. Primeiro, cumpre definir o significado de ideologia neste debate. Fique excluído aqui o sentido marxista do termo (= falsa consciência), interessante, mas que não vem ao caso no momento. Falamos em ideologia no sentido mais primário de utopia, sonho de configuração do futuro; ou melhor ainda: na acepção de qualquer ismo radicalizado e esclerosado, o qual, sempre que contrariado pela realidade, não se perturba e replica — “tanto pior para a realidade”. Utopias neste sentido são, por exemplo, o nacionalismo, o fascismo, o socialismo, o liberalismo novecentista (em seu desconhecimento do social). Pois bem, essa ideologia petrificada, fossilizada e fossilizante, está em crise no mundo inteiro, e, muito provavelmente, em fase de liquidação final. Aqui tem início outra série de distinções e matizamentos.

O crepúsculo das ideologias foi previsto, há tempos, entre outros, por Raymond Aron, que anunciava para breve o retorno das ideologias para as idéias, isto é, a vitória do espírito crítico, permanentemente em indagação, sobre as posições convencionais, estáticas e fanatizadas. Só que não é nada fácil passar das ideologias para as idéias. Principalmente por causa da comodidade oferecida pela ideologia. Esta é o “prato feito”, a resposta pronta e conhecida encontrada no catecismo dos partidos e das confrarias militantes. As idéias, pelo contrário, exigem esforço para sua aquisição, o alerta permanente da crítica e da autocrítica, capacidade de análise e de renovação intelectual. De onde se segue que a superação das ideologias, por exemplo, da dicotomia direita/esquerda, capitalismo/socialismo, é algo reservado só para quem tem idéias, uma minoria de intelectuais, pensadores, politicólogos e políticos. Para as massas, inclusive para a massa dos intelectuais e dos políticos, a ideologia continuará indispensável por mais algum tempo, até que seu desgaste, e, sobretudo, seu fracasso na ordem prática, possa invalidá-la de vez e para todos.

William Waack insiste, com procedência, na observação de que “Fernando Henrique e Roberto Campos estão dizendo quase as mesmas coisas”. Na mesma linha, outro também jovem e criativo jornalista, Gilberto Dimenstein, acaba de publicar um artigo no qual fecha a questão nestes termos: “Se houvesse uma lista das dez principais estrelas da inteligência brasileira, pelo menos seis nomes seriam candidatos naturais. Pelos ‘reacionários’: o senador Roberto Campos e os ex-ministros Delfim Netto e Mário Henrique Simonsen. Pela ‘esquerda’: o sociólogo Hélio Jaguaribe, o senador Fernando Henrique Cardoso e Paul Singer. Numa prova de que os rótulos como ‘esquerda’ e ‘direita’ são absolutamente imbecis, basta lembrar que estas seis estrelas têm um diagnóstico semelhante da crise brasileira. E mais: propõem soluções também parecidas, em meio à disputa de que, sem um plano social, o

País caminha para uma catástrofe” (Folha de S. Paulo, 19-06-88).

Muito bem, se a tese é procedente, então como se explica que nos trabalhos de parto da Constituição venham predominando, em grande estilo, as posições das ideologias mais retrógradas, do nacionalismo mais vesgo e demagógico? A resposta está nas linhas acima. A Constituinte está mais para o pântano do que para as estrelas, porquanto os partidos, as facções, as corporações, justificam a defesa de seus interesses particularistas com a máscara do populismo e do nacionalismo mais anacrônicos. Resta a esperança de que, para o futuro, a Constituição venha a ser filtrada pelas estrelas e depurada de seu conteúdo subversivo e falsamente patriótico, a exemplo do que ocorreu com a Constituição portuguesa.

Outra distinção capital a ser feita diz respeito ao oco deixado pela desintegração das ideologias, o vazio na alma que poderá sobrevir. O homem sempre precisa acreditar em alguma coisa. Se desaparecem as ideologias, no que vai ele acreditar? A resposta é óbvia e nada surpreendente. Abstraída a carga de prestidigitação e falsidade encerrada nas ideologias, restam as coisas liberadas em sua autenticidade e em sua verdade. O esgotamento das ideologias não significa, de modo algum, o advento do ceticismo generalizado na política e na cultura. Sob o manto diáfano da fantasia, veremos palpitar o corpo nu da verdade. A ideologia nacionalista, por exemplo, recobre e encobre de interpretações estranhas a verdade do Brasil, estreitando e empobrecendo a realidade nacional. A dissolução dessa ideologia fará surgir um Brasil muito mais rico e verdadeiro, revelado em novos aspectos, em perfis e conteúdos inéditos, um Brasil que emergirá em toda sua verdade, quanto mais aberto estiver para o outro, para o exterior, melhor conhecido e melhor amado no passado, no presente e no futuro. A liquidação da ideologia potencializa a capacidade de fé no destino de um povo, porquanto a verdade é fonte de vida, inspiração criadora e amor. A morte das ideologias não se limitará a liberar os direitos de um pragmatismo prosaico, negação completa do lirismo patriótico, do amor à terra dos nossos pais, e da fecundidade cultural. O que ocorre é que a perfeição sonhada para o Brasil haverá de emergir de sua própria realidade, como o aperfeiçoamento desta última, em seus contornos e nas linhas de força nela imanentes. A utopia prosseguirá enquanto durar o homem. Este é um ser utópico. Só que a utopia pós-moderna será extraída das estranhas da realidade mesma, como correção e aperfeiçoamento desta. A utopia terá função heurística, semelhante à dos pontos cardeais que orientam no espaço o viajor. A utopia já não será configurada como aquela cidade ideal a ser atingida um dia, visão sublime em nome da qual são permitidas todas as barbaridades. Mais sobre o assunto diremos no livro prestes a sair, inspirado na agonia do nosso tempo, *A crise do século XX* (Editora Ática).